

REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM MANUAIS DE CORTE, COSTURA E BORDADO (1940-1950)

Daniele Torres Loureiro
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
daniele_torres75@hotmail.com

RESUMO

Este estudo, parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, visa contribuir com investigações sobre manuais escolares, em perspectiva histórica, com foco em livros destinados ao ensino técnico e industrial das mulheres, produzidos no âmbito de uma agenda de cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos. Elege como fonte a série metódica de corte, costura e bordado, composta por guias para a orientação do trabalho docente, além de manuais de tecnologia e operações para os alunos. Publicada no início da década de 1950, a série compõe a coleção Biblioteca do Ensino Industrial, organizada pela Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI). Fruto de um acordo entre o Ministério da Educação e Saúde Pública e a *Inter-American Educational Foundation Inc*, firmado no início dos anos 1940, essa comissão tinha como propósito a implementação de um programa de “treinamento e aperfeiçoamento” de professores, instrutores e diretores, bem como o preparo e a aquisição de materiais didáticos. Tendo em vista assegurar a eficiência do ensino industrial, os livros destinados tanto aos professores como aos alunos orientavam-se segundo o princípio da racionalização do trabalho na indústria. Com base nas contribuições da Nova História Cultural (Chartier, 1990, 1991), e dos estudos sobre as disciplinas e os manuais escolares, em perspectiva histórica (Chervel, 1990; Choppin, 2002, 2004; Escolano, 1997, 1998), os livros selecionados são interrogados buscando-se apreender as representações acerca das mulheres e do seu lugar na sociedade do período, presentes nessas obras, produzidas por uma comissão de mulheres para a formação profissional de outras mulheres.

Palavras-chave: manuais escolares; ensino industrial; mulheres.

Apresentação

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, a qual toma como fonte uma série de manuais de corte, costura e bordado, publicada pela Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI), no início da década de 1950. Com base nas contribuições da Nova História Cultural (Chartier, 1990, 1991) e dos estudos sobre as disciplinas e os manuais escolares, em perspectiva histórica (Chervel, 1990; Choppin, 2002, 2004; Escolano, 1997, 1998), a pesquisa busca apreender os conteúdos ensinados, o método de ensino e as práticas com eles empreendidas, as quais reverberaram na cultura material da Escola Industrial “Fernando Prestes”, atual Escola Técnica Estadual “Fernando Prestes”, localizada em Sorocaba (SP), em cujo acervo encontram-se preservados os sete manuais, objetos do presente estudo.

A Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI), responsável pela publicação da série, é fruto de um acordo firmado entre o Ministério da Educação e Saúde Pública e a agência estadunidense *Inter-American Educational Foundation Inc.* O acordo começou a ser delineado no início da década 1940, durante o Estado Novo, tendo Gustavo Capanema à frente do ministério. No período, a industrialização do país era uma pauta importante, o que se evidencia, por exemplo, no grande interesse pelo desenvolvimento do ensino industrial, expresso, dentre outras formas, na aprovação da Lei Orgânica do Ensino Industrial (Lei 4.073/1942). Legislação esta que estabelecia as bases de organização e o regime do ensino industrial, de grau secundário, destinado à preparação profissional dos trabalhadores da indústria e das atividades artesanais.

Nesse contexto, entre 25 de setembro e 04 de outubro de 1943, ocorreu, no Panamá, a I Conferência de Ministros e Diretores de Educação das Repúblicas Americanas, com o propósito de buscar soluções para os problemas ligados ao desenvolvimento da educação na América Latina. Como assinalam Falcão e Cunha (2009), em estudo sobre a CBAI, antes da realização desse encontro, o Brasil havia tentado, em vão, obter professores alemães, em 1936 e contratar professores suíços para as escolas industriais, no início de 1940. Em função dessa tentativa infrutuosa, o Ministério da Educação voltou-se para os Estados Unidos.

Examinando o Tratado Comercial Brasil-EUA de 1935 e os Interesses Industriais Brasileiros, D'Araujo e Moura (1978, p. 57), destacam que a aproximação entre os dois países ocorreu também em função do interesse estadunidense nos países da América do Sul, os quais eram elementos importantes para a política de retomada comercial, dado que representavam “fontes de matéria-prima e mercado para exportação da indústria pesada americana, assim como área proveitosa para investimentos”

Com base nas discussões travadas no fórum ocorrido no Panamá, o acordo bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos, no âmbito da educação, começa a ser delineado, culminando com a instituição da CBAI, em 03 de setembro de 1946, por meio do Decreto-Lei nº 9.724.

Conforme Fonseca (1961, p. 562), em estudo sobre a história do ensino industrial no Brasil, a CBAI instituiu 12 diretrizes que regeriam sua atuação, dentre as quais destacam-se: o desenvolvimento de um programa de “treinamento e aperfeiçoamento” de professores, instrutores e administradores, bem como o preparo e a aquisição de material didático. Em

cumprimento a essas diretrizes, tem início a publicação da coleção *Biblioteca do Ensino Industrial*, a qual contava, até 1953, com 26 volumes. Durante o período de atividades da comissão (1946 a 1963), 124 volumes foram produzidos, segundo afirmam Falcão e Cunha (2009, p. 164). Os livros que integram a biblioteca são divididos em quatro séries: Cultura Geral, Educação Industrial, Cultura Técnica e Série Didática para Oficinas. Os manuais de corte, costura e bordado, destinados aos professores e alunos, integram esta última e são identificados como série D, números 6 ao 8. Cabe destacar que os livros dessa coleção foram distribuídos para escolas industriais localizadas em todo o território nacional.

A edição da série metódica em estudo é atribuída à Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial e a autoria a Nair Maria Becker, uma brasileira, gaúcha, integrante da CBAI e da Superintendência do Ensino Profissional do Rio Grande do Sul. Becker foi a primeira diretora e professora da Escola Técnica Senador Ernesto Dorneles, em Porto Alegre. A escola é mencionada por Louro e Meyer (1993, p.46), em investigação sobre a escolarização do doméstico, como uma reconhecida instituição, organizada para mulheres da classe trabalhadora, a qual possuía como meta a formação da mulher como “profissional hábil, competente e excelente dona de casa”

Visando identificar as representações da mulher veiculadas nos textos e imagens das obras que compõem a série metódica, esta comunicação apresenta uma leitura dos sete manuais de corte, costura e bordado: *Guia do Professor de Corte*, *Guia do Professor de Costura*, *Guia do Professor de Bordado*, *Tecnologia para Corte*, *Tecnologia para Costura*, *Tecnologia para Bordado* e *Operações para Bordado*.

A Organização dos Guias para Professores e Manuais para Alunos

O exame dos livros, tanto os destinados aos professores como os que se dirigem aos alunos, permite observar que eles são escritos em linguagem bastante simples e trazem inúmeras ilustrações, que representam as tecnologias, o modo de executar as operações, bem como figuras que simbolizam suas aplicações.

Os três guias para professor (Fig. 1) contém paratextos (Escolano, 2012) destinados a orientar os docentes quanto à condução de suas aulas, ao modo de se relacionar com os discentes e de controlar o seu desempenho. Tal controle se explica uma vez que os manuais foram desenvolvidos seguindo os parâmetros do método de treinamento *TWI - Training*

Within Industry, também conhecido como pedagogia do ensino industrial, do qual a CBAI foi grande difusora, método esse que se pautava nos princípios do taylorismo.

Figura 1 – Guias para professor de corte, de costura e bordado.



Fontes: Extraídas dos Guias do Professor de Corte, Costura e Bordado (Becker, 1950, 1951 e 1952)

Os elementos que permitem conhecer os livros estudados em sua materialidade podem ser lidos nos quadros a seguir. O primeiro deles apresenta a estrutura básica dos guias destinados aos docentes, dando visibilidade às principais divisões e suas respectivas funções.

Quadro 1 – Seções dos guias para professores e suas finalidades.

Estrutura	Descrição
Capa	Menciona a CBAI; o título; a ilustração que remete ao ofício e a quem se destina o manual.
Segunda Capa	Cita o Ministério da Educação e Saúde; o superintendente da CBAI e chefe da delegação americana.
Folha de Rosto	Identifica o acordo firmado entre o Ministério da Educação e a <i>Education Division – The Institute of American Affairs</i> sobre a educação industrial.
Apresentação	Escrita pelos dirigentes da CBAI, menciona, de modo sintético, os propósitos da série metódica e seu intuito de racionalizar o ensino industrial; como havia sido estruturada; a quem se destinava e a quem era atribuída a autoria.
Generalidades	Texto assinado pela autora, Nair Maria Becker. Relata a importância da preparação profissional e as vantagens de se utilizar as práticas propostas em cada manual da série metódica.

Desenvolvimento do Trabalho e suas subdivisões	Relata os princípios que pautam o desenvolvimento do material; as tarefas propostas com base no estudo do ofício; as planilhas elaboradas para controle do desempenho dos alunos, além de outras que representam a correlação entre tarefas, tecnologias e operações.
Ao professor	Apresenta informações acerca de como os docentes deveriam orientar as turmas e auxiliar os estudantes no desenvolvimento metódico e gradual das tarefas propostas nos manuais.
Programa de Ensino Experimental	Apresenta a distribuição das tarefas no decorrer das 4 séries propostas para o ensino de Corte, Costura e Bordado.
Bibliografia	Reúne as fontes consultadas.
Terceira Capa	Lista os manuais que integram a coleção “Biblioteca do Ensino Industrial”.

Fonte: Elaboração própria (2024).

O *Guia do Professor de Bordado* foi organizado de forma distinta, com maior detalhamento, substituição dos títulos de algumas seções. Um exemplo é a seção “Ao Professor”, que deixa de existir, sendo as instruções aos professores apresentadas nas subdivisões denominadas: “A Série Metódica e Sugestões”. Tal mudança talvez possa ser lida como indício de uma estratégia para convencer os professores a utilizarem o material, uma vez que consta no texto de apresentação do manual uma solicitação dos dirigentes da CBAI para que os docentes se pronunciassem a respeito do material. Além disso, o texto constante na seção “A Série Metódica” informa que esta

[...] em absoluto, não dispensa o professor. Serve-lhe apenas de orientação, de apoio, constituindo uma ajuda para o aluno que, nela, encontra uma indicação metódica para a execução de suas tarefas. Esta série não visa só atender ao aluno como, igualmente, proporcionar certas facilidades ao professor. (Becker, 1952, p. 11)



O *Guia para o Professor de Bordado* conta também com o acréscimo de outras divisões: “Informações Suplementares”, “Bordado Através dos Tempos”, “Relação Ilustrada das Diversas Espécies de Bordados com Especificação” e “Organização de Auxílios Visuais”, provavelmente inseridas devido à própria natureza do ofício.

No segundo quadro, reúnem-se os dados referentes aos três manuais de tecnologia destinados aos alunos, os quais contêm a descrição dos materiais e para que servem, além das máquinas empregadas nos ofícios de corte, costura e bordado. Descrevem, por exemplo, o que é uma tabela de medidas e sua utilidade. Além desses manuais, a coleção em estudo conta com um manual de operações para bordado, também elaborado para os

alunos, o qual detalha, por exemplo, a maneira de executar um determinado ponto de bordado.

No manual de *Tecnologia para Corte*, são identificadas 17 tecnologias; no manual de *Tecnologia para Costura*, constam 39, já no manual de *Tecnologia para Bordado*, são relatadas 7 tecnologias. O *Manual de Operações para Bordado* conta com 28 passos, isto é, diretrizes a respeito do modo como o aluno deve realizar cada tarefa. Essa estrutura é detalhada no quadro a seguir.

Quadro 2 – Manuais de Tecnologia e Operações, com os respectivos conteúdos.

Manuais	Tecnologias
	<p>Medidas; Tecido; Trabalho preparatório em tecido; Disposição das partes do molde sobre o tecido; Corte; Pala; Cintos; Mangas; Pregas; Decotes; Pencas; Bustos; Reprodução de marcas sobre o tecido; Saia; Feitios e forro</p>
	<p>Instrumental e utensílios; Material para aprendizagem; Máquina de costura; Agulhas, alfinetes e linha; Medidores ou bitolas; Colocação da linha na agulha para costura manual; Alinhavos; Costura de Junção; Acabamentos em beiras; Embainhar manual, mecânico e misto; Bainha manual, Pesponto (manual e mecânico); Vieses; Debruns; Rendas; Sutaches; Laçadas; Recortes; Môscas; Botões; Casas; Alças; Bolsos; Cintos; Maneiras; Franzidos; Pencas; Preguinhas e nervuras; Babados; Encaixes; Forro e entretela, Ombreiras; Acolchoados; Mangas; Punhos; Reprodução de riscos; Aviamentos em geral; Ferro de engomar; Alisar trajés – instruções; Tecidos – cuidados especiais.</p>

	<p>Instrumental e utensílios; Material e aviamentos; Riscos e esquemas; Classificação dos bordados; Crivo; Monogramas; Pontos e bordados (tecidos em que são exequíveis).</p>
	<p>Preparar o material para exercício; Reproduzir risco; Ponto haste; Pesponto; Ponto corrente; Ponto cadeia; Ponto de laçadas; Ponto de sombra; Ponto de margaridas; Ponto de nozinhos; Ponto rococó; Ponto de aresta; Ponto cruz; Ponto turco; Ponto caseado; Ponto cordão; Ponto chato e cheiro; Barretas; Picos; Ilhões; Escadinhas recortadas; Pontos de enchimento; Crivo; Bordar sobre filó; Bordar monogramas; Bordar a matiz; Bordar a miçangas; Bordar a frocos.</p>

Fonte: Elaboração própria (2024).

Os manuais em estudo permitem observar traços característicos do que Escolano (1998) situa como fase de transição entre a primeira e a segunda geração de manuais escolares (1950/1960), seja no tipo de papel utilizado na sua produção, o qual lembra uma folha reciclada, acinzentada, usada nas publicações do pós-guerra. Possuem também atributos do que o autor denomina como livro ativo: aquele que descreve práticas inerentes ao processo de apropriação do conteúdo. Por sua vez, os livros destinados aos professores são denominados guias, uma vez que possuem a função de implementar o programa e orientar quanto à sua forma de desenvolvimento.

As imagens em branco e preto também são uma característica dessa fase de transição, quando ganhava representatividade o desenho esquemático, baseado no traço simples, de fácil reprodução por alunos e professores, bem como integrado ao método de ensino.

Representações da Mulher nas Publicações da CBAI

Cabe aqui indagar que representações de mulher são constituídas nas imagens e textos que compõem os livros objetos deste estudo. Considerando que as representações, como propõe Chartier (1991) expressam as determinações coletivas e os condicionamentos sociais que incidem sobre o sentido que indivíduos e grupos concedem ao seu próprio mundo, pode-se interrogar os sentidos atribuídos ao ofício de costurar e bordar como atividades essencialmente femininas, que percorrem essa coleção.

Essa representação figura nas capas dos manuais (Fig. 1; Quadro 2), nas quais é possível identificar as mãos delicadas, mãos de mulher que cortam o tecido, conduzem a máquina de costura ou seguram o bastidor de bordado. Na leitura das imagens de capa, é importante considerar as reflexões de Cunha (1999, p.51, *apud* Rocha, 2015, p. 199) “nos livros, há uma linguagem das imagens que se apresentam nas capas que tanto se pode decifrar como um conjunto de signos, como um suporte para representações ideológicas”.

Essa representação de um ofício essencialmente feminino se faz presente também no texto de apresentação do *Guia do Professor de Corte*, escrito por Ítalo Bolonha¹ e Edward W. Sheridan, no qual se afirma:

Tratando-se de ofício **essencialmente feminino**, o assunto desperta particular interesse, pois é reconhecida a **necessidade de basear sua aprendizagem em métodos mais condizentes com as exigências da indústria moderna**. Para torná-los mais atraentes e produtivos. (Bolonha e Sheridan, 1950, p. 5, grifo nosso)

Além disso, cabe observar a relação entre a autoria dos manuais, a comissão organizadora da coleção e as referências consultadas para a elaboração do material. Em primeiro lugar, vale lembrar que como autora da série foi designada uma mulher, professora e diretora de uma destacada escola de formação feminina voltada para a formação de mulheres trabalhadoras. Quanto à comissão organizadora dos manuais, cabe observar que ela era constituída integralmente por mulheres, da mesma forma que as referências utilizadas para elaboração dos livros, em sua maioria, de autoria feminina.

¹ De acordo com Falcão e Cunha (2009, p. 160), Ítalo Bolonha atuou como superintendente da CBAI, de 1949 a 1951.

No que diz respeito à autoria dos livros da série publicados pela CBAI, à comissão organizadora e às referências selecionadas na composição dos livros, é possível pensar que a presença das mulheres nessas posições simboliza, ainda que em um universo restrito, o lugar das mulheres na sociedade do período.

A leitura dos guias e manuais evidencia uma representação de mulher que a vincula ao ambiente doméstico, a qual pode ser lida nas atividades propostas para os três ofícios. Dentre elas, destacam-se a confecção de peças de vestuário para crianças e adultos, incluindo roupas para os bebês e peças de roupas para as crianças e os outros membros da família. Além das orientações em relação à confecção das peças, é possível ler essa representação da mulher que identifica o feminino ao doméstico no programa de bordado, o qual contém orientações em relação à roupa interior e de cama e mesa.

Não só os textos, mas também as ilustrações fazem alusão a esse vínculo, como se pode observar nas imagens presentes nos manuais, que mostram a aplicação do bordado em peças de roupa femininas, assim como em peças domésticas, como as toalhas de mesa, almofadas ou roupas de cama.

Figuras 2 e 3. Aplicação de bordados em roupas femininas e decoração do lar



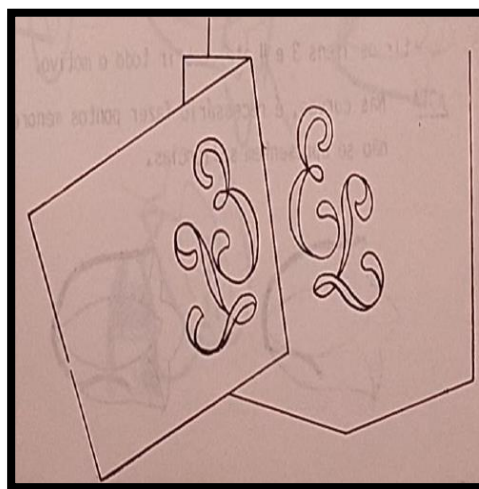
Fonte: Extraídas do Manual de Tecnologia para Bordado (Becker, 1952, p.48, p. 50).

Em relação às flores presentes nas ilustrações do livro de bordado, é importante ter em conta as observações de Morgado (2018, p. 12) que destaca que, por muito tempo, se

acreditou em uma suposta “natureza semelhante” entre as mulheres e as flores, o que fez dela um símbolo de feminilidade, delicadeza, que integra a “mulher com a casa por meio das vestes e dos têxteis domésticos”.

Outro símbolo da domesticidade feminina presente no *Manual de Operações para Bordado* diz respeito aos monogramas, que deveriam ser bordados nos enxovais que as mulheres faziam em sua preparação para o casamento.

Figura 4– Risco para bordado de monogramas



Fonte: Extraído do Manual de Operações para Bordado (Becker, 1952, p.9).

Os manuais e guias interrogados também põem em circulação representações do trabalho e da formação destinados às mulheres. Uma dessas representações, acerca do que era considerado “trabalho honesto para mulher”, está presente no *Guia do Professor de Bordado*, na seção “Generalidades”, na qual o texto destaca que o

Bordado, juntamente com a costura e as rendas, até bem poucos anos, constituíam os únicos meios que possibilitavam um ganha-pão honesto à mulher que, por falta de recursos, não pudesse seguir a carreira do magistério. (Becker, 1952, p.7)

A imagem da máquina de costura, presente no manual de tecnologia para esse ofício, em um capítulo destinado a descrever os seus tipos, componentes, funcionamento e modo de fazer a manutenção, também representa um símbolo do trabalho feminino. Sobre essa questão, Monteleone (2018, p. 14), ao discorrer sobre o trabalho das mulheres e sua relação com a costura, com as roupas prontas, assevera que

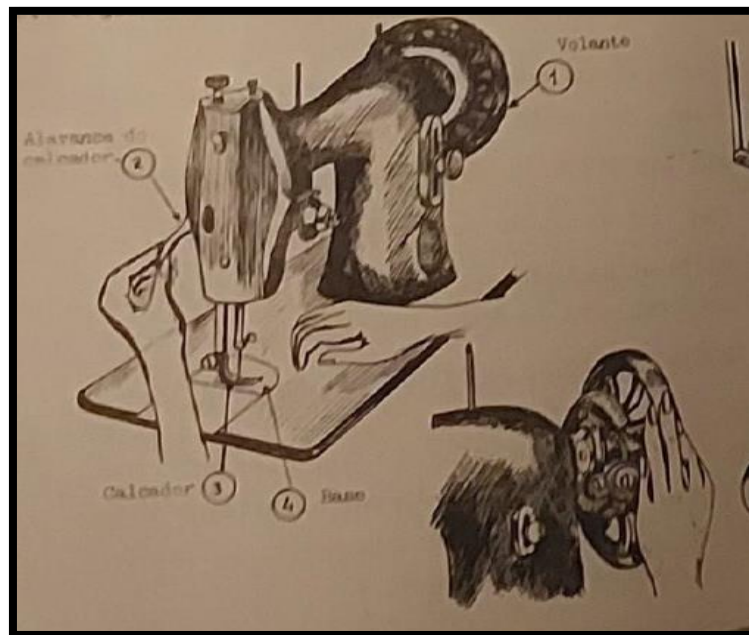
[...] o desenvolvimento da fabricação das máquinas de costura ajudou as mulheres a encontrarem uma maneira de trabalhar, ainda que dentro de

casa. Era uma situação ideal para todos: as mulheres não teriam a reputação manchada ou a honra corrompida por andarem pelas ruas e fábricas, ganhariam um “extra” para ajudar na renda da casa.

O estudo de Monteleone (2018) também ajuda a pensar que a máquina de costura era símbolo de status social, de liberdade feminina, constituindo-se, muitas vezes, como um presente de casamento. Assim, permitia que a mulher obtivesse uma renda, no entanto vinculada ao ambiente doméstico.

As mãos femininas, presente nas ilustrações da máquina de costura, tornam visíveis as representações da costura como um trabalho essencialmente feminino, ilustrando também a divisão sexual do ofício.

Figura 5 – Mãos femininas identificando partes da máquina de costura



Fonte: Extraída do Manual de Tecnologia para Costura (Becker 1951, p.14).

Estudos acerca do ofício de costurar e bordar, como o de Montelone (2018) e o de Frasquete e Simili (2017), chamam atenção para a vinculação dessa atividade aos afazeres domésticos, ao que se considerava uma essência feminina, a um trabalho transmitido de geração em geração, todavia, ao ler os manuais, identifica-se que um outro elemento foi incorporado a essa temática, qual seja, a integração do trabalho de corte, costura e bordado aos parâmetros da indústria.

Quanto as representações relativas à formação da mulher, ao método de ensino pelo qual deveriam ser capacitadas, destaca-se a prescrição, encontrada no *Guia para o Professor de Costura*, a qual indica que, nos últimos anos do curso, as alunas deveriam ser treinadas para operar máquinas de costura velozes, semelhantes às usadas no ambiente fabril. O texto do *Guia do Professor de Bordado* também expressa essa ideia ao expor que, se as bordadeiras, rendeiras e costureiras fossem devidamente instruídas, poderiam aumentar sua produção, em um contexto em que uma atividade considerada outrora essencialmente doméstica, passa a se integrar às exigências da indústria.

Para acompanhar essa almejada transformação social do trabalho de corte, costura e bordado, os textos dos manuais, prescrevem, principalmente nos guias para professores, a utilização do método de ensino proposto pela CBAI, uma vez que, aos olhos dos produtores dos manuais, o trabalho das jovens, aprendido inicialmente por meio da transmissão de saberes de geração em geração, era considerado imperfeito para atender às demandas da indústria do vestuário, em pleno desenvolvimento naquele período.

A seção “Generalidades” do *Guia do Professor de Costura* afirma, nessa direção, que era necessária “[...] a racionalização de processos e métodos de aprendizagem, através de tarefas, operações, informações e meios de verificação cuidadosamente entrosados” (Becker, 1951, p. 8). Ou seja, a formação das mulheres deveria ser realizada dentro dos parâmetros previstos pela pedagogia do ensino industrial, com base no método *TWI - Training Within Industry*, fundamentado nos princípios do taylorismo.

O exame dos guias para professores e dos manuais de tecnologia e operações evidencia que o método de ensino ditava a padronização dos procedimentos, a busca pela máxima eficiência, com o mínimo de perda tanto de tempo e de materiais, bem como uma aprendizagem progressiva e metódica, de modo que os alunos se tornassem aptos a suprir a mão de obra reclamada pela indústria de vestuário.

No entanto, ainda que nos manuais em estudo o uso de figuras que ilustram a mulher fosse recorrente, uma figura, inserida junto ao texto que descreve a tecnologia de corte mecânico realizado por meio de máquina elétrica de recorte, ilustra um homem trabalhando em uma fábrica. A imagem desperta a atenção quando se procura compreender as representações acerca do lugar destinado à mulher, por meio de um método de ensino que visava atender aos anseios da indústria.

Figura 6 – Corte executado com máquina elétrica



Fonte: Extraída do Manual de Tecnologia para Corte (Becker, 1950).

A ilustração parece transmitir uma mensagem dicotômica, uma vez que o texto dos manuais e guias prescreve que as mulheres precisam estar preparadas para os desafios do trabalho na indústria, afirmando que as tarefas são embasadas no estudo do ofício. O método de ensino prevê a simulação de um ambiente fabril. No entanto, ao exemplificar um ambiente fabril e a máquina a ser utilizada nesse local, representa-se por meio de uma figura masculina.

Esta cena suscita alguns questionamentos: que representação de mulher se depreende dessa imagem? Aquela de uma mulher que é preparada para assumir os desafios do mercado de trabalho fora de casa, ou aquela da mulher que, além dos afazeres domésticos, deve estar apta a atender, dentro do lar, às necessidades de dar conta das exigências de uma indústria em expansão? Seriam as mulheres consideradas mais frágeis e incapazes de operar uma máquina de corte elétrica? O ambiente da indústria não seria apropriado às mulheres daquela época?

Nessa direção, Frasquete e Simili (2017, p 270), em estudo sobre as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil dos anos 1950 e 1960, destacam que “as ideias educacionais rígidas reafirmavam os papéis indissociáveis de mãe, esposa e dona-de-casa exemplar”. As reflexões das autoras possibilitam pensar que, ainda que o texto dos manuais evidenciem que a mulher precisava ser capacitada por meio de um método de ensino fabril, o lugar para executarem essas novas práticas ainda era no interior de seus lares, conciliando a prestação de trabalho para a indústria em expansão, com o seu papel dentro do ambiente doméstico.

Considerações Finais

A indagação acerca das representações da mulher, direcionada aos livros que compõem a série metódica de corte, costura e bordado produzida pela CBAI, conduz à identificação de sentidos que se mesclam entre a permanência de concepções tradicionais a respeito dos ofícios de costura e bordado, bem como do lugar da mulher e um método de ensino fabril.

A Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI), visando à escolarização de ofícios outrora domésticos, propaga, em suas publicações, um método racional de ensino, baseado nos princípios do taylorismo, para formar jovens mulheres da classe trabalhadora, com o intuito de que elas desenvolvessem as tarefas de corte, costura e bordado em conformidade com os anseios da indústria do vestuário, a qual estava em expansão.

No entanto, os textos e as imagens analisados nestas publicações imprimem sentidos que vinculam a mulher ao ambiente doméstico e reforçam a aceção de que as atividades de costura e bordado eram tanto parte da essência feminina, como um “trabalho honesto para a mulher” daquele período. Essas representações são evidenciadas por meio: das atividades propostas; da aplicação das operações em objetos de decoração para o lar; da ornamentação do vestuário feminino e infantil; das mãos femininas presentes nas ilustrações; da autoria escolhida para os livros; da formação da comissão organizadora do material; das fontes consultadas para elaboração das publicações e ainda do texto de apresentação elaborado pelos dirigentes da CBAI.

Por fim, à vista do exposto, considera-se que a série estudada expressa que os trabalhos de costura e bordado poderiam ser desenvolvidos em consonância com um método fabril, gerando maior produtividade e economia de material e tempo, todavia o lugar “adequado” para a mulher executar essas tarefas, para atender à indústria, permanecia dentro de seus lares, conciliando-as com seus afazeres domésticos.

Referências

AMORIM, Mário Lopes. “As indústrias reclamam técnicos”: a introdução de métodos de trabalho racionais nas escolas técnicas e industriais como trajetória para o progresso nas publicações da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI). *Educação em Foco: Minas Gerais*, v. 24, n. 44, p.192-211., 2021.

BECKER, Nair Maria. *Guia do Professor de Corte*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Comissão Brasileiro Americana de Educação Industrial, 1950.

_____. *Guia do Professor de Costura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Comissão Brasileiro Americana de Educação Industrial, 1951.

_____. *Guia do Professor de Bordado*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Comissão Brasileiro Americana de Educação Industrial, 1952.

_____. *Tecnologia para Corte*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Comissão Brasileiro Americana de Educação Industrial, 1950.

_____. *Tecnologia para Costura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Comissão Brasileiro Americana de Educação Industrial, 1951.

_____. *Tecnologia para Bordado*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Comissão Brasileiro Americana de Educação Industrial, 1952.

_____. *Operações para Bordado*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Comissão Brasileiro Americana de Educação Industrial, 1952.

BRASIL, Lei 4.073/1942, de 30 de janeiro de 1942. Institui a Lei Orgânica do Ensino Industrial. *Diário Oficial da União*: seção 1, Rio de Janeiro, p. 1997, 09 de fev. 1942.

BRASIL, Lei nº 9.724 de 3 de set. de 1946. Aprova o acordo celebrado entre o Ministério da Educação e Saúde e a Inter-American Educacional Fundacion Inc. sobre educação industrial vocacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Rio de Janeiro, p. 12482, 06 de set. 1946.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *O Mundo como Representação*. *Revista das Revistas Estudos Avançados*. v. 5 n. 11. p.171-191. Abr. 1991.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

CHERVEL, A. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. *Teoria e Educação Porto Alegre*, nº 2, p. 177-229, 1990.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 5-24, abr. 2002.

_____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

D'ARAUJO, Maria Celina Soares e MOURA, Gerson. O Tratado Comercial Brasil-EUA de 1935 e os Interesses Industriais Brasileiros. *R. Cio pol: Rio de Janeiro*, n. 21 p. 55-73, 1978.

ESCOLANO BENITO, A. Historia ilustrada del libro escolar en España. Del Antiguo Régimen a la Segunda República. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997.

_____. Historia ilustrada del libro escolar en España. De la Postguerra a La Reforma Educativa. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998.

_____. O manual como texto. In: Rocha, H. H. P.; Somoza Rodrigues, M. (Orgs.). Dossiê: manuais escolares: múltiplas facetas de um objeto cultural. Pro-Posições, Campinas: UNICAMP, v. 23, n. 3, p. 33-50, 2012.

FALCÃO, L. Q.; CUNHA, L. A.; Ideologia, Política e Educação: a CBAI (1946/1962). *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, n.4, v.7., p. 149-176., 2009.

FONSECA, C. S. História do Ensino Industrial no Brasil. 1º e 2º. Vol. Rio de Janeiro, RJ: ETN, 1961.

FRASQUETE, Débora Russi e SIMILI, Ivana Guilherme. A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no brasil nos anos 1950 e 1960. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 21, nº 53, p. 267-283, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. e MEYER, Dagmar Estermann. A escolarização do doméstico: a construção de uma escola feminina (1946-1970) *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 87, p. 45-57, 1993.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-11, 2019.

MORGADO, Débora Pinguinello. Mulheres e bordados: os têxteis como telas do coração. *Anais do XIV Encontro Nacional de História Oral*. Campinas: Unicamp, p. 1-13, 2018.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. O que todos precisam saber e como se deve ensinar: a constituição da coleção Bibliotheca Popular de Hygiene. 2015. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Campinas, 2015.